

CORPOS, TRAVESSIAS E ANCESTRALIDADE: ASSENTAMENTOS NA ENCRUZILHADA

Doroti Martz¹

RESUMO

Neste artigo será abordado a potência transatlântica que atravessa os corpos negros em diáspora como possibilidades abertas ao corpo em performance. Debruçando sobre três dimensões que organizam e, de certa forma, desorganizam a noção dos corpos e presenças que compõe a cultura negra, proponho uma gira de pensamentos e reflexões acerca dos atravessamentos fundantes de uma cosmovisão espiralar. A primeira dimensão é a travessia enquanto lugar de processo contínuo, de redescobertas, busca de si, da coletividade e em diálogo com a ancestralidade, a travessia aqui é a dimensão que apresenta possibilidades de curas e transformação. A segunda dimensão é a encruzilhada, onde o cruzo se inicia no atlântico com um emaranhado de histórias de gentes, onde a cultura da diáspora negra resiste com os aprendizados das águas e o corpo inundado de memórias. A terceira dimensão é assentada na presença do orixá Exu como mobilizador de mundos, da comunicação e dono do corpo. É na relação cósmica de Exu que o corpo em diáspora se refaz, interligando os fragmentos lançados ao mar, rompendo as barreiras entre tempo e espaço, traçando rotas de fuga, frestas, sapiências e mandingas. Uma vez que lançadas as três dimensões, é possível traçar correspondências entre o visível e o invisível, conexões não lineares entre o passado, o presente e o futuro e a potência coletiva que transpassa o corpo e reverbera na performance ritual.

PALAVRAS-CHAVE

Exu; encruzilhada; travessia; diáspora; performance.

ABSTRACT

This article will show some transatlantic potency which crosses black bodies in diaspora as a possibility to the body in performance process. Lying down eyes over three organized dimensions, in such way that also desorganizes the notion of

¹ Mestranda em Educação na Unicamp, na linha de Linguagem em Arte e Educação, no grupo Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO. Graduada em Teatro pela UFMA. Desenvolve pesquisas em danças afrodispóricas brasileiras, cultura, videoarte e performance. E-mail: dorothymartz@gmail.com

manifestations and black bodies which compose the black culture, I do propose kind of twiddle, building thoughts and reflections concerning those crossings which creates a spiral cosmovision. The first dimension is the crossing presented as a place of continuous process of rediscovering, self-quest, collectivity in dialogue with ancestrally, the crossing here is the dimension who shows the possibilities for healing and transformation. The second dimension is the crossroads, where the crossed ways begin at the Atlantic Ocean as a tangle who provides the histories told by the people, the culture of black diaspora resists learning from the waters and the flooded bodies of memories. The third dimension is settled in the presence of the orixa (african deity) Exu which is the mobilizer of the worlds, of communication and also the owner of the physical body. It is in Exu cosmic relation that the diaspora body rebuilds itself, interconnecting the fragments launched to the sea, breaching the boundaries between time and space, plotting escaping routes, cracks, wisdom and “mandingas” (sagacity). Once launched these three dimensions, it becomes possible to develop connections between what could be seen and unseen, non-lineal bridges between past, present and future, to the aggregate potency which run through the body whose reverberates on the ritual performance.

KEYWORDS

Exu; crossroad; crossing; diaspora; performance.

Tráfegos, naufragos e travessias, lugar ontológico de suspensão de corpos, de vidas. Um não lugar, um lugar por vir, entre entranhas e abismos caminhamos na tentativa de recompor os fragmentos que nos formam. A travessia é inevitável. Já a reconexão é a consequência dessa potência coletiva de reunir os pedaços desfeitos no atlântico.

Travessia, lugar de conflito e de encontro, lugar de reverenciar a morte e a vida, lugar do ontem, do hoje, do amanhã. Atemporalidade que nos cruza, esfacela, mareia, embala e conduz. Travessia é a cruzada de mares que trouxe os antepassados de África às Américas, é a luta pela sobrevivência, dos corpos que já estavam fadados a não viver, mas sim a servir. É na travessia que os corpos são coisificados e colocados à prova de sua força e resistência. Muitas/os deixaram seus corpos no mar para se tornarem espíritos livres, outras/os desencantaram-se e não puderam transcender a dor que o mar

vermelho-sangue as/os banhou, afundando-se e incorporando-se à Calunga Grande numa ininterrupta travessia. Luiz Rufino, em sua obra “Pedagogia das Encruzilhadas” aborda as múltiplas facetas do oceano sobre as vidas que por ele foram atravessadas:

Não à toa, o Atlântico foi nomeado pelas populações negro-africanas que o atravessaram como “calunga grande”. Se vocês não sabem o que é a calunga grande, eu vos digo: é o termo utilizado para designar o oceano como o “grande cemitério”. [...] O grande cemitério que, a princípio, separava mundos foi o elemento propulsor do não esquecimento. Saindo de lá, o que estava cravado para os que foram atravessados era a perspectiva do não retorno. Para os que ficaram do lado de lá restava a memória dos ancestrais que saíram para não retornar. Para aqueles que atravessaram a calunga grande ficam as memórias de outro tempo a serem reivindicadas para substanciar a invenção de uma nova vida. (RUFINO, 2019, p.15)

É possível que para algumas/alguns, falar de corpos escravizados seja assunto ultrapassado, já desgastado e sem valor na atualidade, ou simplesmente uma autoflagelação daquela/e que revive este lugar. Compreendo as críticas à esta abordagem. No entanto, compreendo também que seja impossível falar da diáspora negra africana sem ao menos mencionar o não-lugar que marca esse corpo, que o torna [me torna] atemporal e que [me] retira toda a referência de solo para se pisar. “É cama de vento em veia de mar, o chão de relento pra pisar²”, Marina Iris em sua canção Travessias já desenha esses pés que flutuam, não por escolha, mas para aprender a se equilibrar na inconstância entre as marolas e os banheiros.

Corpos esfacelados, vidas interrompidas, desfeitas na separação entre pares e na aglutinação de existências, culturas, linguagens, pensamentos e identidades. O tráfico de corpos-vidas na travessia do atlântico é marcado pelo roubo de toda a potência de pensamentos, cosmovisões e tecnologias presentes na pluralidade africana. Não por acaso, é claro, tal atitude de desmembramento de povos do continente africano vêm para inibir toda a potência de produções de modos de vidas, para desestimá-las. Isso facilitou no controle desses corpos-vidas em toda terra firme que esses seres dominados pisaram. A poetisa e dramaturga, Leda Maria Martins em sua obra “Afrografias da memória” traz o processo de desterritorialização desses corpos na travessia:

Os africanos transplantados à força para as Américas, através da Diáspora negra, tiveram seu corpo e seu corpus desterritorializados. Arrancados de seu domus familiar, este corpo, individual, coletivo,

² Música Travessias (citação: quarto de despejo) de Marina Íris, link de acesso: <https://youtu.be/IITwS-TzjX0>

viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus códigos linguísticos, filosóficos, religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornando-se estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram às desumanas condições da travessia marítima transcontinental foram destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e revestidos por um olhar alheio, o do europeu. (MARTINS, 1997, p. 24)

A colonização, pautada na racialidade e na desumanização daquelas/es consideradas/os inferiores perante aos costumes e a cultura europeia, lança essas vidas em uma infinita fragmentação. No próprio processo da escravidão dos povos africanos em diáspora, foi implementado um perverso sistema de deslocalização destes, espalhando e separando etnias, com o intuito de retirar toda e qualquer referência das quais essas pessoas tinham de seus países de origem. A violenta imagem que podemos criar sobre o ato de dominação desses corpos, é na tentativa de matar uma árvore, não pelo seu tronco, galhos ou folhas, mas pelas raízes, retirando qualquer possibilidade de renascimento, retorno, ou de fincamento na terra da sustentação. É a morte pelas raízes, necropolítica que insiste em nos matar, lançando os corpos-vidas negros na zona do não-saber, do não-ser e também, do esquecimento. Ainda hoje, a memória generalizada que nos permitem acessar, dos povos negros vindos de África é a da escravidão em uma África inventada, que nunca existiu - alocada como lugar exótico e incivilizado aos olhos do colonialismo europeu.

Mas nem tudo se perdeu. Nesse espalhamento de povos - na tentativa de criar um novo produto de servidão, que fosse bom e lucrativo para os negócios de homens e mulheres brancos/as - os corpos negros desterritorializados de suas referências ancoradoras, perderam grande parte da noção localizadora de suas cosmovisões e epistemologias, no entanto, há uma sabedoria introjetada em seus corpos que jamais poderá ser dominada:

[...] a colonização da África, a transmigração de escravos para as Américas, o sistema escravocrata e a divisão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/corpus africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e história. (MARTINS, 1997, p.25)

Assim como o movimento das marés, quase sempre ininterrupto, nossos corpos [negros] se inscrevem no constante movimento. “É no balanço da canoa que nós vamo

vadiá, olha o tombo da jangada nas ondas do mar ³”, canto presente na sabedoria popular de quem já entendeu que esse corpo em diáspora se refaz na ginga, no tombo, na maleabilidade e na negociação. Os saberes dos corpos da herança africana contêm em si a potência dos sentires, talvez por ser o corpo, um lugar de reconexão com o sagrado e com a memória do vivido. O corpo do qual falo é revestido por uma intuição, acessada através do constante contato com a ancestralidade que nos acompanha, “[...] os africanos que cruzaram o Mar Oceano não viajaram e sofreram sós. Com nossos ancestrais vieram as suas divindades” (MARTINS, 1997, p.25).

A ancestralidade é um dos elementos constitutivos deste corpo em constante travessia, é ela que sustenta uma conexão suspensa no invisível, que nos liga a uma grande herança da coletividade africana, inclusive com os espíritos que nos orientam. Através da obra “O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar”, Sobonfu Somé apresenta a experiência na aldeia tradicional de Dagara, da qual pertence, onde dialoga com aspectos importantes para a compreensão da dimensão coletiva dos povos africanos, ancoradas na relação com os espíritos:

O papel do espírito é o de guia que orienta nossos relacionamentos para o bem. Seu propósito é nos ajudar a ser pessoas melhores, a nos unir de forma a manter nossa conexão não apenas com nós mesmos, mas também com o além. O espírito nos ajuda a realizar o propósito de nossa própria vida e a manter nossa sanidade. (SOMÉ, 2007, p.24)

Somé ainda retrata que para os povos tribais a referência de espírito está relacionada com a força vital que há em tudo. A comunicação com os espíritos nos conecta a outras formas de realidade, a outras temporalidades. A energia dos espíritos ajuda a nos unirmos e termos uma visão mais ampliada, para além dos nossos horizontes. O espírito, portanto, é o fio condutor que transita entre passado, presente e futuro, que passeia entre dimensões, cruza o fora e o dentro, nos conhece e nos orienta a trilharmos a jornada de fora-dentro. Trazendo para o contexto do qual estamos alocadas/os, na travessia, o espírito nos auxilia em nossa regeneração, enquanto seres fragmentados, nos conectando a nossa ancestralidade que aponta para múltiplos caminhos.

³ Música “No balanço da canoa” do grupo Coco Raízes de Arcoverde. Link de acesso: <https://youtu.be/Saeo0DuWX54>

Os ancestrais também são chamados de espíritos. O espírito de um ancestral tem a capacidade de ver não só o mundo invisível do espírito, mas também este mundo. Assim, serve como nossos olhos dos dois lados. É esse poder dos ancestrais que nos ajuda a direcionar nossa vida e evitar os abismos. (SOMÉ, 2007, p.26)

Na compreensão do povo de Dagara, a ancestralidade não está necessariamente em conexão com os antepassados diretos de uma pessoa, e sim com a afinidade de atração entre a força vital do espírito ancestral com a busca da qual está sendo trilhada por ela. Isso nos ajuda na compreensão de como a ancestralidade negra por vezes está conectada com as divindades e os antepassados de África, criando uma conexão coletiva, uma vez que tais corpos-vidas são frutos de uma mesma violência imposta pelo processo de escravização, colonização e dominação:

Quando falamos sobre conexão com os espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos a nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais — não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou que imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. [...] É possível que seja o riacho correndo ao longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral. Você atrairá muitos espíritos se simplesmente expressar seu anseio pelo apoio dos ancestrais. (SOMÉ, 2007, p.28)

Nossa travessia não é só, “A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui o índice de resistência cultural e de sobrevivência ética, política e social” (MARTINS, 1997, p. 24). A barca é composta por irmãs e irmãos, não necessariamente do mesmo sangue; na barca a concepção de família está alocada em outro lugar, em conexão com experiências próximas e realidades que se tocam, dialogam, disputam e por vezes conflitam. Não romantizemos as condições das vidas negras, os conflitos existiram, existem e são reais, mas o respeito pela trajetória traçada por nós quase sempre se faz presente. Atravessar o mar e as fronteiras recolhendo os destroços internos e externos, na tentativa de reconstruir os cacos e montar uma história própria ou coletiva, com o auxílio dos espíritos ancestrais, é buscar pertencimento diante do não-lugar que tais corpos foram lançados no processo de colonização e na colonialidade.

Nos ensinamentos de importante relevância à filosofia africana, o escriba egípcio Amen-em-ope⁴, compreende a barca e a travessia sob uma perspectiva outra, para ele “A barca carrega a ideia de que a travessia é uma experimentação. Ou ainda, a possibilidade de fazer um novo caminho, ou ainda, percorrer o mesmo destino para compreender, aprender e ensinar” (NOGUEIRA, 2013, p.149). Neste princípio, tanto a barca quanto a travessia seriam possibilidades de construir uma ética através da percepção e discernimento sobre si, construindo uma ancoragem na essência que compõe cada ser. Tal discernimento auxilia a traçar uma vida em serenidade. Mesmo diante da imprevisibilidade do rio de acontecimentos por qual passamos, a barca colabora para que mantenhamos a estabilidade necessária para tomar decisões assertivas nos caminhos da vida. Para Amen-em-ope: “A vida pode ser tomada como uma travessia, um desafio de atravessar as vicissitudes da vida” (NOGUEIRA, 2013, p. 149-150).

O interessante em dialogarmos com esses dois pensamentos sobre a travessia, é que eles nos permitem compreender a complexidade no cruzo que o atlântico propõe, onde um tempo não linear se embaralha na tentativa de recompor as múltiplas histórias de povos, culturas, religiões, costumes, famílias e corpos, interpelados pelo tráfico e tráfego nos oceanos. O cruzo que trago para dialogar com o pensamento aqui desenvolvido é conceituado por Rufino:

[...] A potência da encruzilhada é o que chamo de cruzo, que é o movimento enquanto sendo o próprio Exu. O cruzo é o devir, o movimento inacabado, saliente, não ordenado e inapreensível. O cruzo versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalisação, bricolagem — efeitos exusíacos em suas faces de Elegbara⁵ e Enugbarijó⁶. O cruzo é a rigor uma perspectiva que mira e pratica a transgressão e não a subversão, ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital. (RUFINO, 2019, p. 18)

Como bem cantou Marina Iris, “Não chora, querer não queria, mas a travessia é nosso lugar”, a travessia faz parte de nós e nós fazemos parte dela, seja no banzo, no balanço da maré, na experimentação, na investigação de novos caminhos, na dor, no discernimento, na serenidade, na busca de si. A travessia é lugar de [re]encontro.

⁴ Fortemente estudado e divulgado no Brasil, pelo professor e pesquisador Renato Nogueira.

⁵ Senhor o poder mágico. (RUFINO, 2019, p.132)

⁶ A boca que tudo engole e vomita o que engoliu de forma transformada. (RUFINO, 2019, p.37)

Já o Atlântico é lugar da encruzilhada, é no cruzo que diversas potências de reinvenções transgridem as opressões e se transformam. O próprio violento soterramento de diversos povos vindos de África nos negreiros, constitui uma luta travada em prol da perseverança e resistência. Primeiramente das pessoas ali transportadas, na luta em seus corpos de resistirem à fome, ao sal e a truculenta travessia, na perda de seus direitos, dignidade e humanidade. Em seguida, em terras firmes e colonizadas, na construção de estratégias e persistências, de nunca esquecer de onde vieram, não esquecer dos espíritos, não esquecer das divindades, dos valores, do coletivo. Passaram-se anos e ainda estamos no acontecimento de interpelação dos tráficos, dos tráfegos e, na travessia.

É na encruzilhada que se cria a mandinga, a malícia, o ser-não-sendo, o vai e não vai, o sorriso no rosto com o pé atrás para soltar o rabo de arraia (movimento de ataque na capoeira que é sorrateiro e veloz) se preciso for, o santo cultuado em louvor ao Orixá. Com os pés fincados nas encruzilhadas, invocando a força vital e o desejo de existir, os povos africanos em diáspora se reinventaram através do cruzo, se inscrevendo em uma cultura inacabada e em constante transformação.

É na sapiência das encruzas, do cruzo entre as violências que atravessam as negras-vidas na escravidão cotidiana da colonialidade, e as estratégias de permanência, re-existências e transformações, que a cultura da diáspora negra se assenta. Como bem disse Leda Maria Martins “A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas” (MARTINS, 1997, p.26). A cultura negra, assim como toda a herança de nossos antepassados da diáspora, é criada por um conhecimento de um povo que soube lidar com o fluxo das águas. O elemento água diz muito sobre as estratégias de manutenção e sobrevivência dos povos africanos escravizados [e os que vieram depois], pois a água parece se adaptar em qualquer espaço que seja alocada, no entanto, basta existir uma mínima fresta para ela escapar e tornar seu fluxo livre novamente. Gosto muito de pensar a água enquanto possibilidade às existências negras, pois, numa situação onde há obstáculos a água passa por cima, por baixo, pelo lado, transborda, se reinventa... E se nada disso funcionar para que a água siga seu fluxo de ser livre, ela penetra, evapora, gaseifica, vira nuvem, condensa até se tornar água de novo. De tanto navegar no ir e vir nas ondas do mar, aprendemos também a ser água. A cultura negra é uma cultura de frestas.

Encruzilhadas. Frestas. Exu o princípio organizador, desorganizador e mobilizador do mundo. Exu é a própria encruzilhada, é a flecha que rompe o tempo e

atravessa dimensões. Exu é o hoje, é o ontem, é o amanhã. “Exu matou o pássaro ontem, com a pedra que atirou hoje” (SODRÉ, 2017, p. 171), o aforismo/provérbio aqui citado pertence a obra “Pensar Nagô” de Muniz Sodré, que apresenta a sofisticada cosmovisão ontológica do povo nagô. Tal aforismo evidencia o deslocamento que Exu rompe entre o tempo/espaço/dimensão, bagunçando toda a noção linear de tempo compreendida no pensamento ocidental. Exu é o movimento, é o centro da encruzilhada que concentra toda potência de vida, para espalhar possibilidades de caminhos, “É o ancião, o adulto, o adolescente e a criança. É o primeiro nascido e o último a nascer” (ELBEIN apud SODRÉ, 2017, p.165). Exu passeia no tempo:

[...] Exu pode ser o que quiser, manifesta-se como bem entender, é um princípio incontrolável. Ele é a primeira estrela, o primeiro a ser criado e também o que dá o tom do acabamento nas dinâmicas que encruzam os mundos. É impossível dizer qual a forma que ele escolherá para se apresentar e interagir conosco. Exu é a conexão entre tudo, é o princípio de tudo que se passa de uma coisa para outra, de um ser para o outro. É ele que conecta as diferentes dimensões que compõem as existências, é o nosso compadre que transita serelepe conectando o Orun com o Ayê, as divindades (orixás) entre si e com os demais seres existentes. É reservada a esse orixá a condição de princípio de conexão, interlocução e mediação. (RUFINO, 2019, p.127)

Por ser essa força que agencia a vida e transpassa o tempo, Exu é presente na travessia. Ele possibilita as interseções entre mundos. É ele quem faz a ponte entre humanidade, mundo espiritual e as divindades [Orixás]. É ele quem nos conecta à ancestralidade e aos espíritos, para nos dar caminho, nos dar passagem. “Ninguém faz nada sem antes pedir licença a Exu”, frase muito conhecida pelo povo de terreiro por ser Exu o guardião dos caminhos, o mensageiro, por ser a força mobilizadora. É com respeito que se reverencia o Orixá Exu, pois é ele quem possibilita a reinvenção da vida através do fluxo dos acontecimentos, permitindo o acesso ao conselho ancestral que auxilia na reconexão com a essência e o discernimento. “[...] A ancestralidade como sabedoria pluriversal ressemantizada por essas populações em diáspora emerge como um dos principais elementos que substanciam a invenção e a defesa da vida” (RUFINO, 2019, p. 15), portanto, a conexão ancestral possibilita aos corpos-vidas suspensos na atemporalidade do atlântico, um pulsar de existência na reinvenção de si. É Exu quem possibilita a comunicação com a ancestralidade:

[...] É ele o princípio dinâmico que cruza todos os acontecimentos e coisas, uma vez que sem ele não há movimento. Exu é compulsório a

todos os seres e forças cósmicas. É ele a divindade mais próxima daqueles classificados como humanos, é o dono do nosso corpo e de suas potências, é o princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrais. Exu é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo. É o pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades, uma esfera incontrolável, inapreensível e inacabada. (RUFINO, 2019, p.24)

Exu mobiliza a energia vital de todas as coisas, é ele o guardião do axé [força vital] que materializa no corpo toda potência de existência. Exu é dono do corpo, o que seria do corpo sem o movimento, sem a articulação do ir e vir, sem a comunicação, seja ela verbal, intelectual ou física? Assim como a representação fálica que costumamos relacionar a imagem do Orixá, fincada na terra como o mastro que conecta com as divindades, Exu é a força que concentra toda a energia, que âncora, que dá corpo e materialidade às coisas. Concentra para depois espalhar todo o axé pelo cosmo, assim como a saia da pomba gira [representação do feminino do Orixá em algumas religiões afro-brasileiras] que gira sobre o próprio eixo com os pés fincados no chão, para espalhar o axé à diversas direções. Exu é a presença que acompanha todos os seres viventes:

[...] Sem Exu, diz Elbein, “todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados, a vida não se desenvolveria”. Mais: “Cada ser humano tem seu Exu individual, cada cidade, cada casa (linhagem), cada entidade, cada coisa e cada ser tem seu próprio Exu... [Se alguém não tivesse Exu em seu corpo, não poderia existir, não saberia que estava vivo, porque é compulsório que cada um tenha seu Exu individual]... Exu é o princípio da existência diferenciada, que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar” (ELBEIN apud SODRÉ, 2017, p.175)

Na travessia, Exu auxilia na retomada de identidade dos povos africanos em diáspora, pois ele é a força [vital] que propicia a reconstrução dos fragmentos que se romperam no atlântico, possibilitando o acesso à memória ancestral, a potência de vida e a reinvenção através da encruzilhada. Quando trago o Atlântico para este pensamento, me refiro ao violento processo de comércio humano, do assalto às culturas, da morte epistêmica, do esquecimento, do silenciamento. Nós enquanto seres da diáspora, estamos em constante processo de recolher os cacos que foram espalhados e por vezes escondidos. A conexão com a ancestralidade nos permite acessar uma intuição que aponta a direção para reencontrar os fragmentos de nossa história ancestral. É incessante a busca na diáspora, em acessarmos nossa história pessoal e coletiva, ancorada no corpo, nos saberes, nas epistemologias, nas cosmologias e na pluralidade:

A vinculação do conceito diáspora africana à noção de encruzilhada acrescenta ainda a perspectiva de que os fluxos transatlânticos não se encerram com o fim dos comércios humanos, ou seja, do regime escravagista. A diáspora africana é um empreendimento inacabado que continua cotidianamente a traçar fluxos e travessias, configurando a formação de uma rede de encruzilhadas. A encruzilhada potencializa a compreensão das experiências de deslocamento, nos favorecendo a pensar esses trânsitos, fluxos ou travessias como possibilidades de constantes recriações das culturas. (RUFINO, 2019, p.106)

A cultura da diáspora, localizada nos corpos pulsantes que se reinventam a todo instante, que reivindica uma interação com o mundo através dos saberes, da comunicação, da expressão e dos sentires, é uma cultura que dialoga com os segredos de tradições guardadas durante gerações em um lugar que os colonizadores não conseguiram dominar, o corpo, onde:

No âmbito da performance, em seu aparato - cantos, danças, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, cenários, cortejos e festejos - , em sua cosmovisão filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o corpus, enfim, da memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. (MARTINS, 2006, p. 78)

O corpo é um campo de manifestação das memórias. A ancestralidade quando ganha corpo se manifesta e se ressignifica no aqui agora. O corpo é quem traz a potência da materialidade das coisas no tempo presente, encruzado com outros tempos, vivências e pensamentos, pois: “Exu é a esfera que nos possibilita um reposicionamento do corpo” (RUFINO, 2019, p. 129). O corpo então, se torna mola propulsora de experimentações, invenções, transformações e ressignificações no tempo/espço/dimensão, e ainda, transforma as opressões e dores vividas, através das frestas da vida. É no corpo que os saberes são credibilizados, é no corpo que acontecem as criações, as desobediências. O corpo é canal de comunicação com o ancestral, o corpo em transe transpassa a noção de dimensão e tempo. O corpo é a maior ferramenta de resistência que a diáspora herdou, pois é através dele que reescrevemos uma outra história. O corpo é a própria mandinga.

Na volta que o mundo dá, a mandinga se torna capoeira, a capoeira se torna viva, se torna vida, se torna estratégia de manutenção dos saberes, é segredo guardado no corpo. É na ginga que o corpo se refaz. Pensar a ginga enquanto filosofia de vida, é

pensar o corpo como território de luta, como campo de batalha, como lugar de expressão, de brincadeira, um lugar faceiro de existência que não mantém a dicotomia dos valores ocidentais, mas que extravasa e transborda as possibilidades do ir e vir, na pura maleabilidade de quem aprendeu a se adaptar. A ginga enquanto dança, enquanto jogo e movimento que se inscreve no corpo no território da capoeira, demarca a negociação. É ela a espera ativa do por vir, é o tempo de estratégia, da defesa e do ataque, é a esquiva, o avanço, a observação. A ginga é a relação com tudo o que há!

Ao pensarmos no corpo que [re]existe hoje na performance, através das diversas expressões culturais da diáspora africana no Brasil, é possível compreender o acesso que este têm à memória ancestral que costura os tempos e as dimensões, pois ao dançarmos nos terreiros de culturas, nos terreiros religiosos, nos palcos com diversas linguagens de arte, nas rodas de samba, na capoeira, na vida nos reinventando, corporificamos os trajetos traçados por nossos ancestrais, as lutas, os gozos, às reverências. Damos passagem em nosso corpo, ao corpo coletivo que abriu caminho para chegarmos até aqui e ao corpo coletivo futuro do qual hoje nós abrimos caminho:

Como um logos em movimento do ancestral ao performer e deste ao ancestre e ao infans, cada performance ritual recria, restitui e revisa um círculo fenomenológico no qual pulsa, na mesma contemporaneidade, a ação de um pretérito contínuo, sincronizada em uma temporalidade presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se esparge, abolindo não o tempo, mas a sua concepção linear e consecutiva. Assim, a ideia de sucessividade temporal é obliterada pela reativação e atualização da ação, similar e diversa, já realizada tanto no antes ancestral quanto no depois do instante que a restitui, em evento. (MARTINS, 2006, p.81)

Corpo aberto para dialogar, expressar, comunicar e acessar a ancestralidade. Caminhos abertos para inscrever nossa existência no mundo, para nos criarmos no movimento, na travessia, na fresta, no cruzo, sendo água, em busca de nós, do discernimento, da serenidade, na plenitude. O corpo em diáspora que cria, que dança, que incorpora outras existências, que canta, que se expressa, que reverencia as divindades, a ancestralidade, os espíritos antepassados. É o corpo liberto que trilha os caminhos do ir e vir, na busca de seus fragmentos, suas memórias, sua história:

[...] Nas bandas de cá do Atlântico, os corpos inventores da vida enquanto possibilidades são corpos cruzados e imantados como amuletos que reivindicam e assentam a memória e o axé ancestral. Nessa perspectiva, transgridem-se os limites impostos pela dicotomia colonial: o corpo não é nem sagrado, nem profano, o corpo é uno, é

um SIM vibrando no mundo, é um otá, que assenta as forças cósmicas que impulsionam a vida e a experiência em todas as suas dimensões. Os versos de nossos negos véios já cantariam que, por aqui, o bem convive com o mal, vida e morte se traçam e os campos de batalha são também campos de mandinga. Nessa perspectiva, lançamo-nos ao jogo com nossos corpos marcados pelo poder da encruzilhada, afinal, é na encruza que cisca o vivo que imanta o ciclo. (RUFINO, 2019, p. 150)

. O corpo é o nosso maior veículo na travessia, é através dos conselhos da ancestralidade que guiam o caminho, assentado na encruzilhada de Exu, que o cosmo nos permite acessar as possibilidades da vida. Mediante a força dos antepassados, que lutaram antes de nós, que hoje temos acesso a inúmeras possibilidades, das quais eles jamais sonharam em ter. Tudo o que conhecemos enquanto cultura da diáspora africana no Brasil, foi construído através da mandinga, da desobediência, da ginga, da malícia, na força coletiva, com reverência à ancestralidade. Nas oferendas às divindades, nos cantos dos sambas de roda, nas lutas na capoeira, ao toque de tambores na congada, no jongo, no tambor de crioula, na dança dos maracatus, nos cocos de roda, nos ritos dos terreiros de candomblé, na mina, nas umbandas, está presente a pluriculturalidade dos povos africanos que se assentaram no Brasil. E assim, esse assentamento dos antepassados, está presente em nossos corpos:

O assentamento é chão sacralizado, é morada de segredos, é lugar de encantamento, é corpo ancestral, é onde se ressignifica a vida. A diáspora evidencia a inventividade dos povos negro-africanos desterritorializados, juntamente com a inventividade de seus descendentes. Essas populações em dispersão reconstituíram seus territórios no corpo, na roda, nos movimentos, nas sonoridades, nos sacrifícios rituais — todos esses elementos são experiências de terreiro. A noção de assentamento emerge como termo para pensar a diáspora africana a partir de uma esteira comum, alinhavada pelos diferentes fios que são as inúmeras experiências possíveis a partir das travessias do Atlântico e de seus trânsitos e reinvenções contínuas. (RUFINO, 2019, p. 100-101)

O corpo na diáspora está em constante reinvenção, na ousadia de ser e existir em sua totalidade, não se contentando apenas com os fragmentos espalhados no mar. Por isso, o corpo se torna uma importante ferramenta de luta, na busca dos pedaços espalhados aos ventos, pois é no corpo que estão assentados os conhecimentos de diversas culturas dos antepassados. O corpo é permeado por invisíveis linhas que rompem o ontem, o hoje e o amanhã, tecendo segredos que reinventam nossas existências.

Para Martins, “[...] O corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafado na memória do gesto. Performar, neste sentido, significa repetir, transcribendo e revisando.” (2006, p.81), portanto a performance ritual na diáspora negra, que permeia os processos inventivos as artes e as expressões culturais, percorre as diversas direções que o movimento da encruzilhada propõe, possibilitando o cruzo entre as divindades, os ancestrais e os que ainda vão nascer, dançando na atemporalidade que permeia o passado, presente e futuro. A performance ritual então, se apresenta enquanto a própria travessia, um devir que percorre oceanos profundos, para reinventar, ressignificar e expressar a força do corpo coletivo, do corpo social e cultural:

[...] Como tal, a performance atualiza os diapasões da memória, lembrança resvalada de esquecimento, tranças aneladas na improvisação que borda os restos, resíduos e vestígios africanos em novas formas expressivas. Assim, a representação teatralizada pela performance ritual, em sua engenhosa artesanaria, pode ser lida como um suplemento que recobre os muitos hiatos e vazios criados pelas diásporas oceânicas e territoriais dos negros, algo que se coloca de alguma coisa inexoravelmente nas travessias, mas pereminentemente transcrita, reencorpada e restituída em sua alteridade, sob o signo da reminiscência. Um saber, uma sapiência. (MARTINS, 2006, p. 83)

Exu, enquanto mobilizador da força vital, é a mola propulsora para manter os corpos em movimento, onde na criação desestabiliza para estabilizar, redescobrir e possibilitar outras rotas. É na sapiência das encruzilhadas de Exu, que os corpos na performance ritual se reatualizam e criam novas formas expressivas.

Que o axé vital mova os nossos corpos criativos na travessia, que Exu nos ensine sua sapiência de correr mundos, que a coletividade interligue seus saberes na dimensão suspensa dos Atlânticos, que tenhamos coragem de acessar as memórias ancestrais através de nossas histórias e que possamos nos reinventar no presente e criar novas brechas de existência no futuro. Que nossos corpos sejam criativos nas encruzilhadas da vida, com a potência vital de Exu.

REFERÊNCIAS CITADAS

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Orality da memória**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*, 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOGUERA, Renato. **A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança** na filosofia de Amenemope. In: Ensaios Filosóficos. Vol. VIII – Dezembro/2013. pp. 139-155.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.